

ESTE TEATRO QUE FAZEMOS EM COMUNIDADE: SHAKESPEARE & Co. E O COLETIVO OBRAS PÚBLICAS

Resumo

>

Este artigo relata o percurso criativo das companhias chilenas Shakespeare & Co. e o Coletivo de Obras Públicas, especializadas em teatro de rua e no espaço públicas. Nesse empreendimento utilizamos o Teatro Móvel Magdalena, uma carreta de reboque transformada em um espaço artístico, concebido para itinerar e levar teatro a lugares onde as comunidades não têm acesso a ele. Construído no Chile, em 1996 pelo cenógrafo belga Herbert Jonckers, o Teatro Móvel Magdalena tem percorrido o país com a trilogia dos Ofícios (1996-2006) e, depois, sob o encargo da Shakespeare & Co., especializado na adaptação popular dos clássicos de Shakespeare.

Palavras-chave:

Teatro Móvil Magdalena. Teatro itinerante.
Arte e política.

ESTE TEATRO QUE FAZEMOS EM COMUNIDADE¹. SHAKESPEARE & CO. E O COLETIVO OBRAS PÚBLICAS

CLAUDIA ECHENIQUE²

¹ Traduzido do espanhol por: Isa Etel Kopelman, Maria Alice Possani e Wana Jangal.

² Claudia é Doutora em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Mestre em Pensamento Contemporâneo pela Universidade Diego Portales (UDP), Bacharel em Teatro e especializada em Direção Teatral pela Pontifícia Universidade Católica do Chile (PUC/Chile). É professora na PUC/Chile, diretora artística do coletivo “Obras Públicas”, dedicado ao teatro de rua, e da Companhia “Rústicos de Estopa”. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3042-7203>. Email: claudiaechenique@gmail.com.

Grande parte do trabalho de direção que tenho realizado, sobretudo nos últimos anos, de forma muito intensa, tem se orientado para levar teatro a lugares onde as comunidades não teriam nenhuma possibilidade de assistir a um espetáculo teatral por conta própria. A motivação nasce da crença que o teatro, como linguagem crítica e polissêmica, tem muito a oferecer quanto à impressão que pode deixar em suas espectadoras e espectadores, bem como da certeza de que a cultura, entendida como uma ferramenta de conhecimento, satisfação espiritual, capacidade de orientar com sua linguagem, incluindo valores e prazeres estéticos, tem um efeito transformador a curto e longo prazo. Nessa perspectiva, Jorge Dubatti nos fala do acontecimento partilhado, em que o convívio dos corpos presentes realiza este ato cronotópico que mantém a unidade de espaço e tempo, mas que transcende o ontológico, produzindo um salto de sentido quanto à espessura da vida cotidiana, podendo converter-se em uma experiência transformadora, que ele chama de abdução poética. (DUBATTI, 2011, p. 34)

Creio que a maioria das pessoas que dedicam sua vida ao teatro e elegem-no como profissão, fazem-no porque, em algum momento de sua infância ou adolescência, presenciaram um espetáculo que os comoveu de um modo tão profundo que se sentiram chamados a tomar parte dessa produção mágica que invoca uma utopia. Quando o que acontece em cena atinge fortemente os fundamentos do ser humano, somos convidados a uma conexão com esse imaterial carregado de forças mobilizadoras que nos impelem a seguir esse caminho. Podemos dizer que, em determinadas ocasiões, a comoção produzida pela abdução poética pode despertar no espectador uma vocação, onde nos sentimos convidados a fazer parte dessa confraria que, ao criar territórios ficcionais, abre espaço aos sonhos que geram mudanças significativas no ser humano e na sociedade.

No final do século passado, sendo uma diretora com vários anos de experiência no ofício, via nossos esforços no teatro independente consumirem-se na arrecadação de fundos para a realização dos espetáculos e, uma vez terminadas as experiências artísticas que haviam recebido esses fundos, retornávamos ao ponto zero. Essa situação me fez pensar na relevância de um espaço próprio em que pudéssemos desenvolver nossos projetos de criação e estabelecer como um lugar de trabalho permanente. A possibilidade de possuir um teatro era economicamente impossível. Inspirada em García Lorca e seu teatro La Barraca, senti a necessidade de construir um teatro que servisse de cenário para circular com nossas criações por diferentes lugares do Chile. Criado por Herbert Jonckers e construído sobre uma carreta de reboque, nasceu o Teatro Móvil Magdalena (TMM). Com um design até hoje inovador, este carro se desdobra em nove plataformas, utilizadas como cenários abertos. Ao fechar-se para transporte, o TMM se transforma em bagageiro dos adereços e figurinos das apresentações. Esse carroção, equipado com iluminação e som, de funcionamento autônomo, tem circulado itinerante pelas praças, calçadas, povoados, presídios, hospitais, orfa-

natos, campos de futebol e os mais diversos lugares, há mais de 20 anos. Sempre entendendo que somos profissionais e queremos ser vistos pelo maior número de pessoas possível, buscamos uma maneira de financiar nossas apresentações de forma indireta, sem ter que cobrar um ingresso fixo de nossos espectadores. O teatro que demanda uma entrada paga e bilheteria estabelece regras baseadas no dinheiro. Diferencia a garantia de acesso entre aqueles que têm dinheiro e os que não têm. Nossa política é a de que o dinheiro não seja impedimento para participar dos espetáculos: sempre dizemos que a entrada é grátis e a saída nem tanto, quando pedimos uma colaboração com o que se pode e se queira, na passada de chapéu ao final do espetáculo.

Parece-nos que o dinheiro não pode ser um impedimento para excluir alguns e incluir outros. Temos criado nossos espetáculos através de inscrições em editais, gerando salários aos atores e colaboradores e financiando as apresentações gratuitas.

O espaço do Teatro Móvil³ também se tornou, com os anos, numa espécie de teatro-escola, em que muitos profissionais recém-formados e ex-alunos, passaram a colaborar cenicamente, complementando sua formação com as experiências itinerantes, inseridos na própria comunidade. Sem dúvida, esse é um teatro que requer esforço e nele é preciso trabalhar não somente a sensibilidade artística, mas também a força física, a projeção gestual e vocal, respondendo aos grandes níveis de exigência que demanda o teatro ao ar-livre, sobretudo nas inúmeras apresentações diurnas que competem com o som da cidade. Nestes 25 anos, o aprendizado tem sido infinito mas, acima de tudo, passamos o tempo de maneira gratificante e veloz, como Vladimir, em *Esperando Godot*, surpreendido com a passagem do tempo quando alguém se diverte.

O registro artístico do Teatro Móvil Magdalena se dividiu em duas etapas. A primeira etapa se deu pelo que chamamos de trilogia dos ofícios. Essa fase foi acontecendo ao acaso

³ Nota da tradução: optamos por manter o nome Teatro Móvil Magdalena em sua versão original, tratando a expressão como nome próprio e não como adjetivo descritivo.

e, para a primeira encenação, foi construído o teatro móvel, graças a um financiamento da Comunidade Econômica Europeia. A peça de estreia foi a história de Ofélia e seu mágico teatro móvel, uma adaptação de um conto de Michael Ende (conhecido por *A História sem fim*) que relatava o fechamento de um velho teatro por falta de público, deixando a velha, que ali trabalhava como ponto, desempregada. Na noite anterior à partida, Ofélia escuta as sombras dos personagens, que passaram a vida no palco, vagando consternadas entre as poltronas e os bastidores sem saber o que fazer.

A velha Ofélia se compadece dos espectros e abre sua bolsa, convidando os fantasmas a segui-la até sua casa, já que o teatro será demolido e eles perderão seu refúgio. À noite, sozinha em sua pensão, ela abre sua bolsa e os personagens saem para atuar e se divertir provocando agitação. Finalmente, depois de ser despedida da pensão em que vive, devido aos barulhos noturnos, ela tem que sair com seus amigos em busca de um lugar para morar. A sorte de Ofélia é infausta, e vendo a velhinha tão triste e abatida, as sombras se organizam e montam um teatro de sombras, que a faz esquecer de seus infortúnios. As pessoas, vendo a atuação das sombras, lançam moedas por suas interpretações e assim esses “atores” começam a itinerar por diversos países que os convidam a apresentar seu espetáculo. Esta peça, bem como as peças que se seguiram, eram destinadas a um público familiar, nunca excederam os 60 minutos de duração e, com o tempo, ficou evidente que, quanto maior o número de espectadores, maior a necessidade da amplificação. Imediatamente depois veio *La Tierra Anterior*, escrita pela dramaturga Patricia Araya, em colaboração com a companhia, em que um mecânico e uma lavadeira devem salvar o destino da humanidade depois de um cataclisma ambiental. A história, baseada na vida de uma mulher chilena, Tránsito Adela Torrejón, lavadeira de profissão, inspirava-nos por suas perspectivas solidárias e pelos simbolismos relacionados com a ação de lavar. Encerramos a trilogia dos ofícios com a adaptação de uma novela que contava a história

de Nagy, um idealista que sonhava em voar e, depois de uma vida dedicada a construir engenhocas para consegui-lo, morreu tentando, não sem antes haver contribuindo para a história da aviação.

Depois dessa primeira etapa, a carreta passou por um período de hibernação estacionada no Campus Oriente, da Universidade Católica. A caminho de minhas aulas, eu via o carro diariamente e o seu estado de deterioração e solidão, até que, um belo dia, o carro não se encontrava mais ali. Consternada, corri ao escritório do administrador que me esclareceu que o carro havia sido removido para uma poda de árvores. Mas, a verdade era que o reitor e algumas autoridades universitárias visitariam o campus nesse dia e aquele carro, tão deteriorado, não causava boa impressão, daí ter sido removido a um canto onde não se podia vê-lo. Isso foi suficiente, como se mobilizasse novamente sua energia, e assim, com a ajuda de jovens alunos atores, decidimos reativá-lo e consertá-lo. Queríamos fazer Shakespeare para todos e retomamos a atividade da companhia Shakespeare & Co⁴ que se inscreveu em novos editais para realizar, sobre o palco do TMM, uma versão de *A Tempestade* e, em seguida, outra com *O Mercador*, adaptada em rimas, numa versão em ritmo de rap. Mesmo depois de três anos, *O Mercador* continua com suas apresentações. Estas adaptações de Shakespeare fizeram temporadas no Centro Cultural Matucana 100 e circularam por numerosos centros culturais, praças, colégios e diversos espaços públicos.

Parece-me relevante compartilhar uma das experiências mais significativas da companhia, em 2018, ao sermos convidados, pelo Ministério da Cultura para levar nosso espetáculo *O Mercador* – que tematizava principalmente a justiça – aos centros de detenção penitenciária. Não seria fácil realizar esse gerenciamento se feito de forma independente, mas, na mão do ministério, o acesso e a burocracia relativa aos trâmites necessários para gerir a entrada estavam garantidos. Em nossa vida cotidiana, não pensamos nas pessoas condenadas a uma sentença, privadas de liberdade. Além do mais, tais

⁴ www.shakespeareycompania.cl

pessoas não fazem parte de nosso imaginário. Porém elas existem e vivem dentro de muros e grades, alienadas de quase toda questão social, onde a possibilidade de participar de um convívio teatral é um evento extraordinário. Tivemos a oportunidade de compartilhar a nossa peça *El Mercader*⁵, de Shakespeare que, adaptada ao rap com uma linguagem muito rítmica e compreensível, discute e se pergunta:

O que é justiça?
Isso é legal?
Mas e se isso briga
Contra a moral?
Aqui há uma crise
Que desatou...
O fracasso do
modelo ilustrado⁶

O contato com uma comunidade de pessoas privadas de liberdade obriga-nos a defender que, embora a realização de atividades culturais no interior das prisões tenha uma potência imediata, produzida durante a experiência teatral e seguramente impactando todos os presentes, isso só pode efetivar-se de maneira profunda se essas experiências acontecerem de maneira contínua, vinculadas a programas permanentes e a políticas públicas destinadas a assumir seriamente a necessidade de melhorar a vida dos reclusos e sua reinserção em uma vida livre e digna.

Visitamos quatro diferentes centros de reclusão, alguns de segurança máxima, e em cada um deles vivemos experiências únicas. São nesses momentos intensos que o trabalho todo, realizado ao longo dos anos, ganha sentido e o contato entre atores e espectadores se torna significativo, ao produzir experiências transformadoras. Com os celulares proibidos, tivemos sempre a atenção máxima dos espectadores e, em todas as apresentações, podia-se perceber um silêncio quase audível que emoldurava a excepcionalidade do momento tanto para o públi-

co quanto para a companhia.

A primeira apresentação, em Colina II, se desenrolou com uma participação muito respeitosa dos espectadores. Mas foi ao final do espetáculo que realmente percebemos a importância destas pequenas iniciativas. Aplausos estrondosos, seguidos de agradecimentos pessoais e abraços calorosos. Em Colina I, isso foi ainda mais extraordinário: o grupo teatral do presídio solicitou nossa adaptação do texto de Shakespeare e montaram para nós a primeira cena da peça. Fizemos em conjunto a preparação vocal e física, antes da apresentação, e em seguida assistimos ao trabalho que eles haviam realizado com nosso texto. Foi uma experiência inesquecível a de ser espectador de nossa própria obra interpretada por esse grupo de homens que, privados de liberdade, em uma viagem imaginária a Veneza, se enredaram na trama do mercador questionando a eficácia da justiça. Esses momentos significativos dão coesão ao trabalho teatral de uma companhia. Pois mesmo sem saber os nomes dessas pessoas – provavelmente, nunca voltaremos a nos cruzar com nenhum delas – esse gesto de troca e encontro, através do teatro, é algo que guardaremos na memória como um evento notável, a dimensão incomensurável de uma experiência desenvolvida entre pessoas que, juntas, brincam de ser outras contando histórias. Shakespeare tem essa capacidade de falar transversalmente com qualquer público e de envolver-nos na ação que acontece em cena, a ponto de esquecermos que se trata de um espetáculo. Para o espectador é sempre um prazer, uma fonte de satisfação, ser transportado de sua realidade concreta para a ficcional. Comprovamos que todo ser humano tem essa capacidade de transcender seu próprio espaço e tempo para penetrar naquelas zonas misteriosas e desconhecidas que nos propõem estes artífices, criadores virtuosos de eventos simulados, mas que nos envolvem de corpo inteiro, alienando-nos de nosso próprio contexto.

O Coletivo Obras Públicas, com 10 anos

⁵ A adaptação de O Mercador de Veneza de Willian Shakespeare para a linguagem do rap, realizada por Claudia Echenique, não está publicada.

⁶ No original: ¿Qué es la justicia? / ¿Consiste en lo legal? / ¿Pero si ello se riñe / Con la moral? / Aquí hay una crisis / Que se ha desatado... / El fracaso del / modelo ilustrado

de formação, tem quatro obras em seu repertório. A trilogia cidadã, composta por *Clotario*, *Brigadas* e *Constitución*, e uma segunda trilogia em construção, sobre a identidade, e composta até agora das peças *Menores* e *Estrellar*, esta última com estreia prevista para 2021. Nosso trabalho tem se mantido, ao longo do tempo, com as apresentações de peças ainda vigentes em nosso repertório, apresentações e reapresentações em espaços públicos, em diferentes comunidades, onde os espetáculos são orientados à revisão de nossa memória histórica. Nossas criações valorizam as figuras históricas, os processos de criação coletiva, as noções de cidadania e convivência, mencionadas em nossas cartas de direitos fundamentais e pactos sociais. Nas três primeiras peças, quisemos destacar a importância de se passar da noção de pessoas individualistas para a consciência da cidadania de pessoas socialmente participativas, integradas ao coletivo e ao pertencimento comunitário.

Na peça *Clotario*, concebida para o espaço público, destaca-se a figura do líder sindical chileno, Clotario Blest Riffo, um homem que dedicou sua vida à formação de sindicatos, na luta pelos direitos das trabalhadoras e trabalhadores chilenos. O percurso do pensamento libertário e da ação comprometida desse homem exemplar é também um itinerário dos momentos históricos mais emblemáticos do país e dos processos de rupturas e mudanças sociais mais significativas.

Ao trabalhar principalmente com o teatro físico e musical, sempre de mãos dadas com Brecht, pudemos desenvolver uma linguagem fortemente embasada na gestualidade em que o sintético, o visual e o expressivo convidam os espectadores a reconhecer sua história de forma lúdica e dinâmica.

A segunda obra do coletivo, *Brigadas*, aborda o trabalho desenvolvido no Chile, entre os anos de mil novecentos e sessenta e mil novecentos e setenta, pelos grupos de propaganda

política que começam a utilizar os muros da cidade como suporte de inscrição de suas ideias. Tais iniciativas, que se iniciam espontaneamente, vão se transformando e se especializando com o tempo até se converterem em brigadas de muralistas encarregados da propaganda política de diferentes partidos. Com estas duas montagens tivemos a oportunidade de viajar ao Brasil para o Festival Universitário de Blumenau, ganhando o prêmio do público.

Nosso terceiro espetáculo, *Constitución*, se propôs a compartilhar com a comunidade a imperativa necessidade de o Chile discutir a relevância de uma nova Carta Magna. Para isso, tivemos que realizar uma exaustiva investigação sobre o significado da educação cívica na construção da cidadania e sobre como foram elaboradas as diferentes constituições políticas que regeram a nação. Tarefa nada fácil, pois tivemos que adentrar em temas áridos que precisavam ser traduzidos para uma linguagem teatral compreensível e atrativa, destinada a um público diverso e, oxalá, numeroso. Profundamente motivados pela necessidade de instaurar essa discussão em meio aos habitantes da cidade, propusemos, no espetáculo, um coro de cidadãos que declarava:

Habitando, construindo
Caminhando, transitando
Trabalhando, recordando

Habitando, construindo
Caminhando pelos lugares
Transitando e vivendo

Obedecendo aos deveres.
Somos vozes caminhantes
Recordamos o passar.

Indignados, resistentes,
Exigimos bem estar.

Habitando, construindo
Caminhando, transitando
Trabalhando, recordando⁷.
(ECHENIQUE; ZAGAL; CONTRERAS;
DEL RIO, 2017)

⁷No original: Habitando, construyendo / Caminando, transitando / Trabajando, recordando / Habitando, construyendo / Caminando los lugares. / Transitando y viviendo / Obedeciendo los deberes. / Somos voces caminantes / Recordamos el pasar. / Indignados, resistentes, / Exigimos bien estar. / Habitando, construyendo / Caminando, transitando / Trabajando, recordando.

Com profunda alegria, depois de cinco anos, isso torna-se realidade, graças à eclosão social chilena a partir de 18 de Outubro de 2019. Finalmente, a cidadania, investida do poder do coletivo, saiu às ruas para pedir mudanças substanciais. Uma delas foi a exigência de uma nova constituição, para qual foi convocada a votação de um plebiscito nacional histórico, em 25 de outubro de 2020.

As três peças, *Clotário*, *Brigadas e Constitución* estão reunidas no livro *La Trilogia Ciudadana - de la calle al libro*, publicada pela editora LOM, em 2017. As três foram criadas para o teatro de rua, com ênfase no comunitário e coletivo. Ainda são apresentadas de vez em quando, a validade de seu conteúdo assim o permite. Enquanto companhia continuamos motivados, já que parte importante de nossas preocupações consiste em trazer à tona temáticas que emanam da discussão democrática que acontece dentro do grupo, de modo que nossa comunidade, ainda que pequena, fale a outra comunidade maior.

Menores, escrita por Sofia Zagal, foi a primeira montagem do coletivo para a sala teatral, abrindo uma nova etapa de trabalho do grupo. Três crianças institucionalizadas se reúnem na noite de São João, ao redor de uma árvore, para realizar seus rituais mágicos. Elas só conseguirão transcender a realidade da qual não conseguem escapar, ativando sua imaginação e se concentrando em projetar a força espiritual de cada uma para as demais. Sem querer, justamente naquele momento no Chile, uma dura realidade foi descoberta no SENAME (Serviço Nacional de Menores) provocada pela morte da pequena Lissette Villa, de 11 anos, morta aos cuidados da instituição, submetida à força por seus cuidadores. As investigações revelaram anos de maus-tratos a menores e 1.313 mortes de crianças indevidamente investigadas, entre 2005 e 2016.

O Estado do Chile viola sistematicamente os direitos de crianças sob sua tutela. Essa é a conclusão de um informe lapidar do PDI que, em 2017, investigou 240 lares para menores. Em 100% dos centros administrados pelo SENAME e em 88% daqueles administrados por particulares se constatou 2.071 abusos, 310 deles de conotação sexual. Tão grave quanto o [informe] anterior é que o boletim de ocorrência foi entregue ao Ministério Público em dezembro de 2018 com cópia para o governo. (SEPÚLVEDA; GUZMÁN, 2019)

Muitas vezes, fica difícil manter a fé em nosso ofício. Em meio à barbárie em que vivemos, somos invadidos pelo pessimismo diante das terríveis injustiças e crueldades extremas. Parte do trabalho criativo de uma companhia consiste em manter viva a chama da imaginação, tentando dar um sentido ao horror que a realidade nos apresenta. Como criadores, cabe-nos assumir um papel ativo, buscando maneiras de superar essas duras realidades. A força que emana do coletivo é mais poderosa que a do indivíduo e é a comunidade como um todo que deve articular respostas para confrontar o absurdo.

A evolução está em compartilhar o mundo,
em inventar o mundo,
em sonhar com coisas que façam a árvore
crescer novamente...
mas diferente.
Existem duas maneiras de viver tua vida.
Uma é como se nada fosse um milagre
e outra é como se tudo fosse um milagre...
Então eu creio que a vida é um prodígio.
Literalmente.
Por favor, regue a árvore e dê-lhe abraços
Quem sabe floresça ou dê maçãs.
E olhe as estrelas, são muito lindas⁸.

Estas são as palavras finais da peça *Menores*⁹.

Seguindo nossa própria orientação, retomamos de onde paramos e o grupo, num gesto inusitado para a companhia, que até então

⁸ No original: La evolución esta en compartir el mundo, / en inventar el mundo, / en soñar cosas que hagan crecer al árbol otra vez ... / pero distinto. / Existen dos maneras de vivir tu vida. / Una es como si nada fuera un milagro / y la otra es como si todo fuera un milagro... / Entonces yo creo que la vida es un prodigio. / Literalmente. / Por favor riegue el árbol y dele abrazos / Quizás florezca o de manzanas. / Y mire las estrellas, son muy lindas

⁹ A obra *Menores*, de Sofia Zagal não está publicada.

tinha trabalhado com questões mais próximas da realidade social, decide criar *Estrellar*, uma história sobre a importância de observar o céu e elevar o olhar para uma conexão com as estrelas e tudo o que isso significa. Decidimos investigar com a cultura Selknam, hoje extinta, as leituras do cosmos de nossos povos originários e como o entendiam os povos dos desertos do norte ao extremo sul. Descobrimos em todos e todas nós nossas próprias biocosmografias, de onde criamos vínculos pessoais com o universo. E estávamos nesse caminho, quando o Chile tombou nas ruas e nos deparamos com nossa realidade... nada voltou à normalidade, tampouco a queremos. Queremos poder olhar mais além de nossas preocupações cotidianas, queremos inventar outra realidade para as crianças do SENAME. Queremos tantas coisas. E continuamos fazendo teatro para a comunidade, para estarmos entre os que buscam por justiça e resistem, ante tanta impunidade. Mas temos que continuar com nosso ofício e fazer parte dos iludidos que acreditam que outro mundo é possível e que o teatro ajuda a construí-lo, queremos seguir o conselho de *Menores* e viver a vida como se fosse um milagre.

Para concluir a reflexão a respeito dessas duas companhias, gostaria de expor duas ideias finais com o propósito de salientar o trabalho realizado em todos estes anos. A primeira, evidente, é a de que o esforço realizado tem gerado frutos. Tanto da perspectiva da satisfação individual quanto grupal, quando o coletivo reconhece com alegria como conseguiu, ao longo de sua trajetória, se manter fiel aos princípios que o originaram. A segunda é a possibilidade de perceber, a partir do material reunido aqui, a capacidade da arte teatral de captar e elaborar ideias que ainda não estão evidentes para a sociedade, e que o trabalho dos artistas cênicos parece atuar como um saca-rolhas, expondo e aprofundando essas questões. Talvez nosso trabalho, junto ao de muitos outros artistas com esforços similares, tenha afetado nossos espectadores, espalhando sementes de utopias possíveis como aponta Habermas. Como a água que flui, talvez nossas pequenas palavras cênicas tenham conseguido encontrar fendas por onde penetrar, ajudando na visibilidade das questões

que fazem parte do inconsciente coletivo, expressando-se finalmente em movimentos unificados que, de forma coesa, clara e aguerrida, conseguem mudar as realidades e conquistar espaços de liberdade.

REFERÊNCIAS

DUBATTI, Jorge. Introducción a los estudios teatrales. México: Libros de Godot, 2011.

ECHENIQUE, C.; ZAGAL; et al. Trilogía Ciudadana - de la calle al libro. Chile: LOM, 2017.

SEPÚLVEDA, Nicolás; GUZMÁN, J.A. El brutal informe de la PDI sobre abusos en el Sename que permaneció oculto desde diciembre. Ciper, 02/07/2019. Disponible em: <https://www.ciperchile.cl/2019/07/02/el-brutal-informe-de-la-pdi-sobre-abusos-en-el-sename-que-permanecio-oculto-desde-diciembre>. Acesso em 08/12/2020

FOTOS



Imagem 1 - Espetáculo Clotário, do Colectivo Obras Públicas na Plaza de Armas em Santiago do Chile, em 11 de Maio de 2011. Dia nacional do Teatro. Foto: Claudia Echenique.



Imagem 2 - Brigadas do Colectivo Obras Públicas: Jorge Pacheco, Benjamín del Río, José Tomás Celis, Gabriel Contreras, Sofia Zagal, Javier Mora, Esteban Cerda. 2013. Foto Claudia Echenique.



Imagem 3 - O Teatro Móvil Magdalena em Coquimbo, 1999. Foto Giselle Demelchiore.



Imagem 4 - Álvaro Valdebenito e Pedro González em *A Tempestade*, de William Shakespeare. Centro Cultural Matucana 100, 2015. Foto Claudia Echenique.



Imagem 5 - El Mercader, adaptação de Claudia Echenique da obra de William Shakespeare. Centro Cultural Matucana 100. Temporada janeiro de 2017. Foto Claudia Echenique.

Resumen

Este artículo realiza un recorrido por la creación que han desarrollado las compañías chilenas Shakespeare & Co. y el Colectivo de Obras Públicas, especializadas en teatro de calle y el espacio público. Hemos utilizado para ello el Teatro Móvil Magdalena, un carro de arrastre convertido en un recinto artístico concebido para itinerar y llevar teatro a lugares donde las comunidades no acceden a él. Construido en Chile, el año 1996 por el escenógrafo Belga Herbert Jonckers, el Teatro Móvil Magdalena ha funcionado recorriendo Chile con la trilogía de los Oficios (1996-2006) y luego bajo el cuidado de Shakespeare & Co. que se ha especializado en adaptar los clásicos de Shakespeare a un formato contemporáneo y popular (2016-2020).

Palabras llaves

Teatro Móvil Magdalena. Teatro itinerante. Comunidad. Shakespeare & Co.

Recibido em: 01 dez. 2020

Aprovado em: 13 dez. 2020

Publicado em: 23 dez 2020